

PERFORMANCES IDENTITÁRIAS DE SURDOS/AS: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO ALTERITÁRIA DAS IDENTIDADES A PARTIR DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO SOBRE CULTURA SURDA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

DEAF IDENTITY PERFORMANCES: REFLECTIONS ON THE PROCESS OF ALTERITARIAN CONSTITUTION OF IDENTITIES BASED ON AN EXTENSION PROGRAMME ON DEAF CULTURE AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

Guilherme Gonçalves de Freitas¹
Francisco Rogiellyson da Silva Andrade²

RESUMO: Este artigo analisa o processo de constituição alteritária das identidades (re)velado a partir de palestras proferidas por três participantes Surdos/as nessas interlocuções. Para a fundamentação teórica, embasamo-nos em estudos que tratam sobre a importância da Libras (Gesser, 2006) e sobre identidades (Hall, 2000; Perlin, 1998, 2000; Silva, 2000; Woodward, 2000, entre outros). Metodologicamente, esta é uma pesquisa-ação colaborativa cujos dados foram gerados por meio de observações e anotações em diário de campo a partir das narrativas de três palestrantes Surdos/as em uma atividade de projeto de extensão realizado para alguns cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* samambaia, Goiânia. Como resultados, identificamos que a cultura ouvinte influencia de forma negativa no processo de identificação do sujeito Surdo, pois remete à normalização, ao uso do aparelho auditivo, à tentativa de cura e à oralização como principal recurso de comunicação em contextos vivenciados/as por eles/as em ambientes sociais e na família. Por outro lado, observou-se uma identificação linguística e cultural construída pelos/as participantes quando interagem com os/as seus/suas pares Surdos/as em casa e em Associações. Portanto, percebe-se que a constituição identitária de pessoas Surdas ocorre no e pelo discurso, na alteridade com o(s) outro(s), de maneira fragmentária, híbrida, fronteiriça. Para realizar suas performances identitárias, os/as Surdos/as, a partir das diversas vozes sociais que lhes atravessam, verbalizam

¹ Graduado em Letras: Libras pela Universidade Federal de Goiás (2016) e em Pedagogia pela Faculdade Campos Eliseos (2022). Especialista em Linguística das Línguas de Sinais pela Universidade Federal de Goiás (2018) e em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021). Concluiu o mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2020). Atualmente, é Doutorando em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás - PPGL/UFG (2021). Atua no ensino superior desde 2018, nas áreas de linguística e ensino de Libras e ELiS.

² Mestre e Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Graduado em Letras: Língua Portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cândido Mendes e Especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua como professor do setor de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do curso de Letras da FECIL/UECE e como docente efetivo vinculado à Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC) na área de Língua Portuguesa.

que se afirmam como sujeitos diferentes do polo ouvinte, o que enseja políticas linguísticas que de fato gerem seu acesso às comunidades.

Palavras-chave: Identidades; Surdo; cultura surda; performances identitárias.

Abstract: This article analyses the process of the alteritarian constitution of (re)veiled identities based on lectures given by three Deaf participants in these interlocutions. The theoretical basis is based on studies that deal with the importance of Libras (Gesser, 2006) and identities (Hall, 2000; Perlin, 1998, 2000; Silva, 2000; Woodward, 2000, among others). Methodologically, this is a collaborative action research whose data was generated through observations and field diary notes based on the narratives of three Deaf speakers in an extension project activity carried out for some undergraduate courses at the Federal University of Goiás (UFG), Samambaia campus, Goiânia. As a result, we identified that the hearing culture has a negative influence on the identification process of the Deaf subject, as it refers to normalisation, the use of hearing aids, attempts to cure and oralisation as the main communication resource in contexts experienced by them in social environments and in the family. On the other hand, there was a linguistic and cultural identification constructed by the participants when they interacted with their Deaf peers at home and in associations. Therefore, it can be seen that the identity constitution of Deaf people occurs in and through discourse, in alterity with the other(s), in a fragmentary, hybrid, borderline way. In order to perform their identities, Deaf people, based on the various social voices that pass through them, verbalise that they affirm themselves as subjects who are different from the hearing pole, which calls for language policies that actually generate their access to communities.

Key-words: Identities; Deaf; deaf culture; identity performances.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de constituição alteritária das identidades (re)velado a partir de palestras proferidas por três participantes Surdos/as em uma ação pedagógica de um projeto de extensão sobre Língua Brasileira de Sinais (Libras) realizado com alguns cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* samambaia, Goiânia. De modo específico, buscamos identificar os fatores que influenciaram no processo de construção de identidades de três participantes Surdos/as³.

A realização deste estudo é importante, pois os resultados que serão apresentados nos reportam não só a questões referentes à identidade da pessoa Surda, mas também a questões referentes aos seus limites e possibilidades de viver em uma sociedade ouvinte, incluindo aí questões políticas relativas à inclusão dos/as Surdos/as. Nessa sociedade, essas pessoas são oprimidas diariamente pela falta de compreensão em várias situações que são vivenciadas por

³ Neste artigo, assumimos um posicionamento político, tanto para marcação de gênero, no masculino como no feminino, como na escrita do termo Surdos/as, com “S” maiúsculo. Na primeira situação, fazemos a marcação do gênero na tentativa de romper com uma prática muito comum utilizada em textos acadêmicos de sempre privilegiar o gênero masculino (Jordão, 2001; Sousa, 2017; Tiraboschi, 2022). Já na segunda oportunidade, grafamos Surdos/as, com “S” maiúsculo, por entender que essas pessoas devem ser compreendidas, ideologicamente, por terem uma língua própria, uma cultura, e serem totalmente independentes da cultura ouvinte, desfazendo a ideia do/a Surdo/a como um/a cidadão/ã incapaz, sem cultura e língua (Cerqueira; Teixeira, 2022; Nunes; Portela, 2017; Wilcox, 2005).

eles/as nas escolas, nos hospitais, nos *shoppings*, em lojas de departamentos, nas igrejas, entre outros.

Nesse sentido, este estudo será amparado por reflexões teóricas que tratam sobre a importância da Libras (Gesser, 2006) e de identidades performáticas e fronteiriças (Hall, 2000; Perlin, 1998, 2000; Silva, 2000; Woodward, 2000, entre outros). A partir desse abalçamento teórico, para fomentar as reflexões que serão apresentadas, metodologicamente foi realizada uma pesquisa-ação colaborativa. Assim sendo, o corpus deste estudo é constituído pelas observações e pelos registros, em um diário de campo, de narrativas proferidas por três palestrantes Surdos/as durante uma ação pedagógica. A intervenção foi realizada no projeto de extensão elaborado pelo primeiro autor deste artigo e em conjunto com mais três professores (dois Surdos e um ouvinte), da UFG, que, assim como aquele, atuavam na disciplina de *Introdução à Libras* nos cursos de licenciatura e bacharelado.

Além desta introdução, este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, discutimos a importância da Libras em uma sociedade majoritária, e, em seguida, discorremos sobre identidades. Na segunda seção, descrevemos a metodologia que promoveu a geração e a análise dos dados desta pesquisa. Em terceiro momento, apresentamos resultados e discussões. Por fim, tecemos as considerações finais.

2 A importância da Libras em uma sociedade majoritária

O desafio que a Educação de Surdos/as propõe é um assunto que intriga diversos educadores/as ao longo dos anos. Antigamente, ter liberdade para falar a língua de sinais não era uma tarefa tão fácil, pois houve momentos difíceis em que os/as Surdos/as foram proibidos/as de usar a sua língua natural. Em 1880, por exemplo, aconteceu um Congresso em Milão, na Itália, em que eles/as foram obrigados/as a utilizar o método oral e, assim, foram impedidos/as de usar a língua de sinais (Perlin; Strobel, 2014).

No cenário em que vivemos, faz-se necessário mostrar a necessidade e os benefícios da aprendizagem de Libras para falantes ouvintes numa sociedade totalmente majoritária, em que o português é posto como o padrão a ser usado em todos os contextos, bem como onde há falta de acessibilidade de comunicação dos/as Surdos/as nas escolas, nos hospitais, em *shoppings* etc. (Gesser, 2006).

No contexto da área da Educação, por exemplo, é bastante frequente o apagamento das pessoas Surdas em salas de aula regulares, visto que a oralidade é muito comum nas instituições de ensino, onde a maioria dos/as alunos/as ouvintes não sabe Libras e muito menos os/as professores/as (Gesser, 2006; Perlin; Strobel, 2014; Strobel, 2008).

No que diz respeito à dificuldade de comunicação dos/as Surdos/as, é importante destacar que essa luta pelo reconhecimento, pelo acesso e pela produção em sua língua não deve ser apenas deles/as, mas também nossa, enquanto professores/as, pesquisadores/as e linguistas. É preciso problematizar políticas e discursos em prol do direito de cidadania humanizadora, por acessibilidade nos diversos espaços sociais. Faz-se necessário promover acessibilidade linguística a todos/as Surdos/as, de modo a garantir segurança e conforto linguístico.

Perlin e Strobel (2014, p. 20, *grifos nossos*) explicam que, se prosseguirmos com as velhas realidades,

narradas como que no tempo colonial, perigamos escrever uma história de holocausto, de dominação, de lamentos. Mas não é por aí... Temos outros caminhos que, mesmo desconhecidos, merecem ser trazidos à tona, vivenciados e narrados por constituírem a genuína história natural e cultural dos surdos. De fato, temos nossas lutas de significação quais sejam: *a busca por educação bilíngue, por políticas para a língua de sinais no Brasil, pela abertura das portas das universidades, por posições de igualdade, por ter intérpretes de língua de sinais e por serem válidos os nossos direitos.*

Para mudar esse quadro de subalternização linguística das línguas de sinais, é necessário promover ações em que essas línguas sejam utilizadas. No caso da Libras, é importante oportunizar uma “educação linguística também à maioria, que tem, de um modo ou de outro, influência (ou ingerência), direta ou indireta, sobre o destino, reconhecimento e *status* sócio-político das línguas minoritárias” (Altenhofen, 2013, p. 99).

A oficialização da Libras, pela Lei nº 10.436, como língua da comunidade surda brasileira é uma importante conquista para mudar esse quadro de invisibilidade da Libras e do/a sujeito/a Surdo/a. Percebe-se que, a partir do reconhecimento da língua e do surgimento de novas políticas linguísticas (Brasil, 2005), há uma construção de legitimidade do/a próprio/a Surdo/a quanto a sua identidade cultural e linguística e também a do próprio contexto de educação bilíngue para os/as Surdos/as, conforme destaca Gesser (2006).

A partir dessas reflexões, promover a aprendizagem de uma segunda língua, no caso a Libras, orienta os/as estudantes ouvintes a objetivos mais amplos, e não apenas de poder falar e entender a língua. A aprendizagem de Libras pode promover uma conscientização linguística e cultural dos/as futuros/as professores/as em relação a sua ação pedagógica para os/as alunos/as com surdez. Além disso, os/as discentes, ao terem contato com a disciplina, serão capazes de participar criticamente de ações coletivas que envolvem o universo da cultura surda, de modo que eles/as estejam preparados/as para o enfrentamento com a diversidade e com o trânsito intercultural envolvendo a comunidade surda e ouvinte.

Strobel (2008, p. 21) explica que muitas pessoas que não têm contato com esse universo se “espantam e questionam com perguntas como: os surdos têm cultura? Como pode haver uma cultura surda? Será que nas festas dos surdos há músicas?”. Essas perguntas demandam repensar quanto ao currículo escolar e as representações que se fazem dos/as Surdos/as e da surdez em todos os contextos já mencionados neste artigo.

Acrescentando um novo olhar sobre a aprendizagem de Libras, Strobel (2008) destaca que a aprendizagem dessa língua pode levar os/as alunos/as a construírem identidades, como também experiências que serão vivenciadas e compartilhadas por eles em grupo, tais como: a literatura surda, a pedagogia surda, a língua de sinais, as poesias, as narrativas etc., isto é, para além de trabalhar a língua, é necessário envolver performances identitárias que permitam uma compreensão ampla do engajamento na cultura surda, discussão que travamos a seguir.

2.1 A questão identitária no universo da cultura surda

No *Dicionário Online de Português*, encontramos quatro definições distintas para o conceito do termo *identidade*:

1. Documento de identificação; comprovante de que alguém é a pessoa que se diz ser: carteira de identidade.
2. *Conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento*: não se sabe a identidade do criminoso.
3. *Semelhança; em que há ou expressa similaridade, relação de conformidade*: identidade de conceitos, de pontos de vista.
4. Igualdade; qualidade ou particularidade do que é idêntico, rigorosamente igual em relação a outro (s): identidade de opiniões. (Dicio, 2022, p. 1, *grifos nosso*).

A partir dessas definições, podemos observar que há várias concepções de identidade. Woodward (2000) explica que a identidade é uma representação que se constrói a partir da diferença, da subjetividade de si e do outro, pela valorização do 'eu' em detrimento do outro, numa alteridade que mais gera fronteiras do que essências.

O autor explica que a identidade é construída socialmente e que as pessoas tendem a (des)construir posições diferentes ou com que se identificam. Significa dizer que se identificar com alguma representação não é questão de tudo ou nada, mas que envolve aspectos de vários modos de ser e de agir, os quais são simbolicamente elaborados pela própria linguagem.

Silva (2000), seguindo a mesma linha de raciocínio de Woodward (2000), pontua que não existe identidade única, pois há diferentes manifestações identitárias que se constroem nas relações entre as pessoas. O autor destaca que abordar as identidades nessa perspectiva é compreender que elas são abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas, bem longe de uma abordagem essencializada construída pelo ideário iluminista. Nas palavras de Silva (2000, p. 80),

a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Moreira e Silva (2013) explicam, também, que a construção da identidade não é exclusiva de língua alguma, embora os autores destaquem que seja de ordem discursiva. Nesse sentido, para que uma identidade tenha condições de existência, é necessária outra identidade distinta. Woodward (2000, p. 10) menciona que a identidade é marcada pela diferença e

pela simbologia, isto é, por meio de símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam têm causas e consequências materiais.

Ainda para o mesmo autor, essa marcação da diferença não deixa de ser um problema, pois envolve a negação de uma identidade com cujo grupo o sujeito não se identifica. No caso

dos/as Surdos/as, por exemplo, é nessa relação de pertencer ou não a um povo, ser diferente ou igual, que as relações de poder se autoafirmam, em detrimento da coerção do/a outro/a ou do não pertencimento a um determinado grupo social.

Para que se entenda que a construção da identidade é marcada pela diferença, basta olharmos no contexto de educação de Surdos/as, em cujo grupo, segundo Perlin (1998, 2000), não há homogeneidade identitária. Perlin (1998) começa a falar sobre as identidades como algo classificável, quase como que pudesse ser realmente dividida por tipos; posteriormente, o autor começa a construir o entendimento de que as identidades surdas não são algo que possa ser dissecado.

Nesse grupo existem várias identidades e histórias Surdas que mudam conforme as ocasiões, como: os/as Surdos/as filhos/as de pais Surdos/as; os/as Surdos/as filhos/as de pais ouvintes; os/as Surdos/as implantados/as que fizeram cirurgia do implante coclear; os/as Surdos/as oralizados/as; os/as Surdos/as usuários/as de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI); os/as Surdos/as-cegos/as que apresentam variação de perda auditiva e visual e se comunicam em Braille, Libras tátil ou Tadoma⁴; os/as Surdos/as bilíngues que se comunicam com as duas línguas brasileiras, língua de sinais e o português, escrito ou oral, entre outros.

A partir dessa observação, Perlin (1998) classifica as identidades surdas em alguns tipos: Identidades surdas ou políticas; Identidades surdas híbridas; Identidades surdas flutuantes; Identidades surdas incompletas; e Identidades surdas de transição.

Os/As Surdos/as com Identidades surdas ou políticas têm a Libras como principal forma de expressão e, por isso, não aceitam ser oralizados/as. Optam por estabelecerem uma convivência junto a outros/as Surdos/as compartilhando suas dificuldades e desejos em suas comunidades e/ou Associações de Surdos. Conseqüentemente, lutam por uma causa, são mais politizados e têm consciência das suas necessidades. Esses Surdos/as, por exemplo, procuram apoio de tradutores/as e intérpretes de língua de sinais para ajudar no processo de comunicação com falantes ouvintes e buscam uma educação diferenciada na qual a língua de sinais é tida como principal fonte de expressão. Performam esse espectro identitário normalmente aqueles/as Surdos/as que nasceram de pais Surdos (Perlin, 1998).

Os/As Surdos/as com identidades surdas híbridas são aqueles/as que nasceram ouvintes e, posteriormente, por algum problema de saúde, como a rubéola, a caxumba ou a meningite, tiveram perda auditiva. Assim, como eram ouvintes, dependendo da idade da perda auditiva, esses indivíduos conheceram a estrutura da língua portuguesa por já terem vivenciado a aprendizagem dessa língua. Além disso, decodificam mensagens em português com mais naturalidade e, em muitos casos, buscam a linguagem oral para se comunicar. No entanto, esses indivíduos se reconhecem como Surdos/as e progressivamente começam a participar da comunidade surda e aprender a língua de sinais (Perlin, 1998).

Os/As Surdos/as com Identidades surdas flutuantes são aqueles/as que nasceram ouvintes e, em algumas situações, têm dificuldades de aceitar sua surdez. Estes/as buscam referências na cultura ouvinte, e, por isso, não participam da comunidade surda, rejeitam a língua de sinais e recorrem, em muitos casos, a Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (AASI) (Perlin, 1998).

Os/As Surdos/as com Identidades surdas incompletas são aqueles/as filhos/as de pais

⁴ Tadoma é um método de comunicação utilizado pelos indivíduos Surdo-cegos, em que a pessoa Surdo-cega coloca o polegar na boca do falante e os dedos ao longo do queixo.

ouvintes que, infelizmente, não aprenderam a língua portuguesa nem a língua de sinais. Na falta dessas duas línguas, eles/as se comunicam por mímicas. Essas pessoas não estão inseridas em nenhuma das comunidades e demonstram dificuldades de comportamento ao tentar entrar em contato com a sociedade. Nesse ponto, os ouvintes têm forte imposição sobre os seus comportamentos, vida e aprendizados (Perlin, 1998).

Os/as Surdos/as com Identidades surdas de transição são aqueles/as que foram mantidos numa comunicação auditiva, ou seja, cresceram dentro do contexto da comunidade ouvinte e, com o passar do tempo, descobrem a comunidade surda. Nesse grupo, integram os/as Surdos/as oralizados/as que, durante o contato com a comunidade surda, começam a desenvolver melhor sua comunicação visual e se sentem interessados em pertencer a esse grupo, embora não deixem suas experiências construídas para trás (Perlin, 1998).

Podemos visualizar, a partir dessas discussões sobre identidades surdas, que os perfis identitários são diversos e moveidos, o que significa dizer que há um continuum ao invés de polos extremos. O uso ou não da língua de sinais seria um ponto de partida para pensar basicamente a identidade do sujeito. Por outro lado, é importante destacar que os contextos familiares e sociais em que esses indivíduos são inseridos têm um papel fundamental para produzir identidades surdas, e não identidades de deficientes auditivos ou identidades ouvintistas (Perlin, 1998, 2000).

Perlin (2000, p. 27-28) apresenta três condições da escola que contribuem para o fortalecimento e pertencimento da Identidade surda: “presença do professor surdo na sala de aula de alunos surdos, presença de professor ouvinte com domínio de língua de sinais e capacidade para o ensino de português” e outras disciplinas como segunda língua, “e contato do surdo com a cultura surda”.

Com essa discussão, entendemos aqui que as identidades surdas são construídas nas próprias interações discursivas. Em decorrência disso, percebemos que o processo de constituição da identidade acontece sempre na alteridade, o que significa dizer que é dependente de contexto mediato e imediato. Como discute Bakhtin (1997), o modo como o sujeito se constrói é atravessado pelas forças centrípetas e centrífugas e pelas imagens que se desenvolvem do eu-para-mim, do eu-para-o-outro e do outro-para-mim. É nessa tensão híbrida, instaurada pela própria interação discursiva, que emergem as identidades surdas alteritariamente, já que o modo como o discurso do(s) outro(s) personifica essa constituição edifica modos de ser e de agir na pela linguagem, seja no âmbito da concordância ou do ativismo em prol de afastar-se do polo ouvinte.

Depois de apresentar a fundamentação teórica, passemos para a próxima seção em que discorreremos sobre a metodologia.

3 Metodologia

Os dados deste estudo advieram da realização de uma pesquisa-ação colaborativa. Franco (2005, p. 489) explica que a pesquisa-ação

é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e

emancipação de todos os sujeitos da prática.

Desse modo, entendemos que este estudo é uma pesquisa-ação, porque os dados apresentados visam desvelar processos identitários, a partir das nossas experiências vivenciadas (2018.1 a 2020.2) em sala de aula como professores de Libras da Universidade Federal de Goiás. Defendemos que o ensino dessa língua, em contraponto com outras práticas de ensino de Libras, deve oferecer aos estudantes oportunidades de vivenciar outras experiências além das que já são apresentadas a eles/as em sala de aula. Por identificar, naquela época, que o ensino de Libras estava pautado, boa parte, por extensas aulas teóricas elucidadas pelos/as professores/as a partir de textos e filmes, formulamos uma hipótese de que havia necessidade de intervenção que apresentasse melhor a cultura surda aos estudantes de graduação.

Assim, elaboramos e realizamos um projeto de extensão de Libras, que buscou trazer tradutores/as intérpretes de Libras e Surdos/as com o intuito de eles/as poderem apresentar sobre sua cultura, seus relatos de vida e contribuir para o ensino-aprendizagem de Libras. A partir dessa troca em sala, esse conhecimento, a nosso ver, poderia ser usado pelos alunos/as em momentos extraclasse, atingindo também outros/as professores/as.

Esse projeto de extensão foi submetido no primeiro semestre de 2018, inserido no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e aprovado pelo conselho diretor da Faculdade de Letras com o Parecer de nº PJ838-2018 no segundo semestre de 2018. Suas atividades tiveram início nesse mesmo ano e foram finalizadas no segundo semestre de 2020 em virtude da pandemia da Covid-19.

A execução do projeto aconteceu em formato presencial e atingiu um público de aproximadamente 150 estudantes por semestre. As ações pedagógicas foram desenvolvidas com todos/as os/as discentes matriculados/as na disciplina de *Introdução à Libras*, nos cursos de licenciatura e bacharelado.

Ao todo, foram realizadas quatro tarefas com os/as discentes e a comunidade externa que teve acesso ao evento por meio das divulgações que aconteceram nos murais de informações da Faculdade de Letras e nas redes sociais - o *Facebook* e o *Instagram*. Os encontros aconteceram durante o período letivo com uma duração de aproximadamente 3 horas e 40 minutos por atividade.

A seguir, trazemos um resumo sobre as ações pedagógicas realizadas:

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão

Encontros	Das atividades	Local
1º	Palestras envolvendo temas sobre relatos de experiências de tradutores/as e intérpretes de Libras com foco no trabalho escolar e de falantes Surdos/as sobre as dificuldades e desafios enfrentados por eles/as em contextos familiares e sociais.	Auditório
2º	Entrevista com um falante Surdo: primeiro contato dos alunos.	Contexto informal
3º 4º	Contato com Surdos(as) e ouvintes fluentes, com foco no desenvolvimento de habilidades de produção e compreensão da Libras.	Sala de aula

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir do diário de campo escrito para a execução do projeto.

Os dados que serviram de referência para as considerações tecidas neste artigo foram gerados durante o segundo semestre de 2020. O *corpus* foi obtido através da participação e da colaboração direta entre o pesquisador e 22 colaboradores/as, sendo quatro professores do curso de Letras: Libras da UFG, um professor da Associação de Surdos de Goiânia (ASG), um professor do Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação em Atendimento às pessoas com Surdez (CAS), quatorze alunos/as Surdos/as e ouvintes que estavam cursando, na época, o curso de licenciatura em Letras: Libras e duas convidadas da comunidade externa.

Um dos procedimentos metodológicos utilizados durante a geração de dados foi a escrita de um diário de campo. Esse instrumento ajudou a descrever e a registrar as sínteses das reflexões apresentadas por três palestrantes Surdos/as que fizeram suas apresentações em Libras com auxílio de *slides*. Para a apresentação dos dados, aos palestrantes foi solicitada a permissão, por *WhatsApp*, acerca do aceite da análise de suas narrativas. Todos concordaram e assinaram o Termo de Consentimento.

Nesta pesquisa, por uma questão de extensão, centramos análise apenas nos dados referentes à primeira ação pedagógica ilustrada no Quadro 1, pois o nosso interesse é relacionar os conceitos que abordam identidades linguísticas e sociais evidenciadas pelos palestrantes Surdos/as no que diz respeito às suas dificuldades e desafios enfrentados/as por eles/as em contextos familiares e sociais.

Os/As participantes do estudo foram dois homens Surdos e uma mulher Surda, em sua maioria brancos/as, com idades variando entre 25 e 33 anos. Todos/as eles/as, na época, eram residentes da cidade de Goiânia. O quadro abaixo resume alguma das principais informações.

Quadro 2 - Perfil dos(as) participantes

Participantes	Identidade de gênero	Idade	Nasceu Surdo/a	Formação profissional	Profissão	Filho de
P1	Homem cisgênero	25	Não	Graduada em Letras: Libras	Desempregado	Pais ouvintes
P2	Homem cisgênero	29	Não	Graduado em sistemas de informação	Analista de sistema	Pai ouvinte e mãe surda
P3	Mulher cisgênero	33	Sim	Graduada em Letras: Libras	Professora	Pais surdos

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir do diário de campo escrito para a execução do projeto.

A partir da fala desses sujeitos em suas palestras, no tópico a seguir, buscamos analisar como suas identidades como pessoas surdas são performadas por via da própria linguagem, bem como buscar tecer considerações acerca de sua percepção sobre a própria cultura surda conforme o processo de alteritário de constituição identitária.

4 Resultados e discussões

A análise que apresentaremos sobre as identidades surdas está baseada nos argumentos teóricos que discutimos anteriormente. Dessa forma, nesta pesquisa, focamos nos estudos sobre identidades e mostramos, a partir dos relatos compartilhados pelos/as participantes P1, P2 e P3, a importância da aprendizagem de Libras para uma sociedade majoritária em que os/as Surdos/as são os/as principais alvos de uma comunidade que nega e exclui as suas existências.

Para análise dessa constituição identitária, trazemos um recorte das principais observações que chamaram a nossa atenção durante as apresentações dos/as palestrantes. Antes de comentar sobre essas narrativas, faz-se necessário destacar a forma como foi realizado o primeiro encontro, as principais observações que fizemos em relação à temática que foi tratada no evento e o alcance que esses temas tiveram para o conhecimento dos/as estudantes.

A primeira ação pedagógica desenvolvida no projeto de extensão aconteceu em um espaço maior, e não na sala de aula, visto que o local escolhido conseguiria atender todos/as estudantes e à comunidade externa. Inicialmente, essa aula abordou temas sobre a educação de Surdos/as, o papel do/a tradutor/a intérprete de Libras educacional, as legislações voltadas para a educação de Surdos/as, e, somente depois, foram realizadas as palestras dos/as convidados/as Surdos/as. Cada palestrante teve entre 25 a 35 minutos para apresentação e, no final, abria-se espaço para que a plateia fizesse perguntas.

Nessa atividade, os/as discentes tiveram a oportunidade de expor os seus pensamentos durante as palestras, tirar dúvidas e aprender no diálogo com os pares. Os relatos trazidos pelos/as palestrantes desencadearam diferentes emoções nos estudantes, pois tal vivência fugia da realidade social da maioria deles/as. Algumas curiosidades marcaram esse momento, o que levou os/as alunos/as a fazerem algumas perguntas aos participantes, tais como: i) como era lidar com um contexto familiar em que a maioria era ouvinte?; ii) quais estratégias e/ou dificuldades eram usadas por eles/as quando precisavam ir numa consulta médica ou em um outro local onde os/as profissionais não sabiam Libras?; iii) como era lidar, sendo Surdos/as, com uma escola em que a maioria não sabia Libras? iv) quais artefatos culturais faziam parte da sua cultura? (Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020).

Na tentativa de apreender a visão geral dos/as discentes, os/as três palestrantes apresentaram seus relatos de experiência de vida. A partir dessa tarefa, foi possível identificar como a identidade da pessoa surda, no caso de P1, P2 e P3, foi construída no decorrer de sua vida por influência de uma série de fatores, dentre os quais destacam-se: o diagnóstico da surdez; a influência da família e da escola; e o contato e a inserção dessas pessoas nas comunidades surdas.

4.1 Diagnóstico da surdez

A narrativa de P1 mostra como as histórias dos/as Surdos/as, quando crianças, são parecidas e assemelham-se a de muitos outros/as Surdos/as quando descobrem a surdez, pois boa parte são diagnosticados/as depois do nascimento. Isso fica evidente nas anotações de diário de campo, cuja transcrição trazemos a seguir:

- [1] P1 nasceu ouvinte e foi diagnosticado com surdez quando tinha dois anos de idade. Ele explica que a razão da surdez ocorreu em virtude de sua mãe ter tido complicações durante a gravidez. De acordo com o participante, sua mãe teve eclâmpsia com cinco meses de gestação e, por isso, precisou ficar internada durante quatro meses. P1 explica que o quadro de saúde de sua mãe foi complicando, pois nesse período ela acabou tendo leucemia. Segundo ele, os exames pós-parto não constaram a sua surdez. No entanto, os pais observaram que ele não se manifestava quando lhe pediam algo para fazer em casa. Segundo P1, seus pais somente se atentaram sobre o seu diagnóstico de surdez quando ele tinha 6 anos de idade, pois, nessa época, os professores pediram para levá-lo a um otorrino. De acordo com o participante, os docentes alegavam que ele tinha muita dificuldade em aprender e se adaptar com os seus colegas. P1 menciona, também, que, depois que foi diagnosticado com surdez, os pais optaram pelo uso de aparelho auricular para tentar dar uma melhor condição sonora ao filho.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

Essa reflexão pode ser confirmada também na narrativa de P2, que, assim como P1, teve o diagnóstico de surdez depois do nascimento e, a partir daí, começou a usar o Aparelho de Amplificação Sonora Individual:

- [2] P2 explica que, após alguns exames, foi constatada, com 6 anos de idade, a perda auditiva. O participante relata que não há nenhuma comprovação científica sobre a razão de ter ficado Surdo, mas sua mãe acredita que a surdez foi ocasionada em virtude de ter usado um remédio muito forte para tratar uma infecção de ouvido quando ele tinha 4 anos de idade. P2 explica que, com 7 anos de idade, começou a fazer tratamento com fonoaudiólogo, e, a partir daí, começou a usar aparelho auditivo, com o qual permanece até hoje.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

É possível perceber, a partir das narrativas de P1 e P2, que, naquela época, ainda existia uma visão negativa da surdez. Embora os próprios participantes afirmem que os pais tentaram lhes dar melhor qualidade de vida, a visão construída nessas ações é a de que a surdez é uma doença, o que fez seus pais procurarem o que é considerado como correção, por meio do uso de aparelho auditivo. Isso comprova uma situação de dependência do/a Surdo/a a esse instrumento, e essa experiência acaba tentando moldar o indivíduo a uma ideologia dominante de representações dos ouvintes.

Ao nos depararmos com essas histórias, remetemos à visão destacada por Silva (2000) segundo a qual o processo de produção da identidade está intrinsecamente ligado à cultura, e, nesse processo, há uma forte relação de poder que busca corrigir uma diferença. Daí porque se acredita que a construção identitária acontece numa tensão entre o dominante e o

marginalizado.

De acordo com Silva (2000), pregar uma determinada identidade, como a do ouvinte, como norma “é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (SILVA, 2000, p. 69).

Alteritariamente, como vemos, os sujeitos cujas narrativas estão em evidência depararam-se com o discurso dominante de que o correto é ser ouvinte e, portanto, o sujeito Surdo deve se adaptar às práticas culturais desse centro. Tal realidade, também na própria relação com os outros, isto é, na vivência com os demais pares, portanto alteritariamente, vai desconstruindo estereótipos e, ao mesmo tempo, construindo traços identitários que reforçam a cultura surda, assim como os modos de ser e de existir, na e pela linguagem, no âmbito desse espaço cultural.

4.2 Construção da identidade surda vivenciada com os seus pais Surdos desde criança

A narrativa de P3 destaca como a relação vivenciada por ela em um contexto no qual o fato de ter os pais Surdos foi importante para a construção da sua identidade Surda. A participante destaca que as relações vivenciadas com os seus pais Surdos desde criança ajudaram a firmar sua compreensão disso.

- [3] P3 nasceu surda e, desde pequena, teve a Libras como primeira língua. Ela destaca que se sentia acolhida por seus pais, pois o contato entre eles era sempre em Libras e ela sempre era muito bem articulada nas relações vivenciadas em casa. A participante menciona, também, que na infância os seus pais levaram-na ao médico para saber se havia possibilidades de ela ouvir. Durante a consulta, ela explica que o médico orientou que fizesse a cirurgia do implante coclear, hipótese que foi rejeitada imediatamente pelos seus pais.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

Esse trecho, em primeiro lugar, realça a importância que a língua de sinais, como qualquer outra língua, tem como constituição de uma identidade, no caso, aqui, a identidade surda. O relato de P3 implica dizer que o contexto vivenciado pela participante lhe permitiu condições de viver um mundo cultural visuoespacial, cujas simbologias, modos de ser e de agir se davam na e pela língua de sinais.

Essa situação somente foi possível em virtude de os pais serem Surdos e das manifestações e repertórios linguísticos se constituírem por meio da Libras. Esse relato lembra o que Silva (2000, p. 106) explica ao dizer que “a identidade é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda, a partir de um mesmo ideal”.

No excerto em tela, fica evidente, também, a importância e o contato com um/a Surdo/a adulto/a, ou seja, da alteridade na constituição identitária, como viemos frisando ao longo deste texto. Essa relação entre P3 com os seus pais trouxe conforto linguístico

possibilitando implicações positivas nas suas relações sociais, isto é, empoderamento.

A narrativa, inclusive, nos remete à visão destacada por Strobel (2008), quando explica que as crianças surdas, quanto têm envolvimento com a cultura surda desde cedo, se sentem mais seguras e confiantes na caminhada de suas vidas, sendo respeitadas como sujeitos diferentes do tido centro ouvinte e se ingressando melhor na sociedade, a partir de uma visão intercultural; caso contrário, elas se isolam no meio da comunidade ouvinte.

A propósito, é digno de destaque o engajamento dos pais, por compreenderem seus modos de ser e de agir na e pela linguagem, ao não encaminharem o filho à cirurgia de implante coclear. Ocorre aí um afastamento da percepção de que ser Surdo/a e, conseqüentemente, agir como tal é um erro a ser corrigido; na verdade, ao permitirem que o/a filho/a viva a identidade Surda, os pais evidenciam que não há nenhum problema nisso e, portanto, se colocam numa posição em prol de uma agenda pela pluralidade de vivências linguístico-culturais que a sociedade atual demanda.

4.3 Construção da identidade surda vivenciada em Associações de Surdos

Um ponto importante destacado nas falas dos/as palestrantes é sobre a participação dos/as Surdos/as em escolas de Surdos e/ou em Associações, Federações, em vista da interação com pares Surdos/as proporcionada por esses espaços. Como salienta Silva (2000), a construção identitária, bem como sua performance, acontece entre e a partir de pares, na e pela linguagem, sendo da ordem do discurso. A vivência com os outros, nessa medida, não essencializa a percepção sobre si, mas, pelo contrário, enraíza no sujeito modos de pensar, de engajar-se e de construir relações em sua cultura.

Perlin (1998), a propósito disso, explica que a participação de Surdos/as em contextos nos quais são o centro é importante para constituição da identidade surda, pois nesses espaços são compartilhadas histórias, vivências, experiências e informações de Surdos/as de diferentes classes sociais e de outras cidades e países. Com isso, o/a Surdo/a se vê como alguém igual e, ao mesmo tempo, diferente, dos demais, personalizando um perfil para si, mas se reconhecendo como membro de uma coletividade.

A narrativa a seguir, à guisa de ilustração, evidencia a discussão que estamos travando:

- [4] P1 relata que, somente aos 10 anos de idade, conseguiu um aparelho auditivo em uma instituição filantrópica da região Centro-Oeste, a Vila São Cottolengo⁵. Ele alega que nessa instituição a recepcionista informou à família sobre a existência da Libras e de uma Associação de Surdos. Desde então, ele começou a frequentar com 12 anos de idade, quando aprendeu a Libras e começou a conviver com outros/as Surdos/as. P1 explica que durante o período em que ele apenas sabia oralizar, teve muita dificuldade na alfabetização da Língua Portuguesa escrita e também na

⁵ A Vila São Cottolengo é uma instituição filantrópica administrada por Padres e Freiras, situada no município de Trindade (GO). Atualmente, integra mais de 300 pacientes com deficiências múltiplas e conta com atendimentos ambulatoriais e educacionais para a população. O objetivo da entidade é, sobretudo, promover qualidade de vida para as pessoas com deficiência e vulneráveis socialmente.

Libras. No entanto, ele relata que, nos dias atuais, não tem dificuldade em se comunicar.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020

O relato de P1 mostra um processo de transição de identidade surda, uma vez que o participante teve toda sua formação identitária construída dentro de uma comunidade ouvinte, só tardiamente descobrindo a comunidade surda e passando a conviver com outros/as Surdos/as e a Libras.

Esse tipo de identificação cultural remete às reflexões destacadas por Strobel (2008, p. 25), segundo quem o processo de transmissão cultural dos/as Surdos/as ocorre somente quando têm contato com a comunidade surda em uma idade mais avançada, “porque a maioria dos Surdos tem família ouvintes, ou por uma imposição ouvintista que nem frequentam as escolas de Surdos ficando sem contato por muito tempo com a comunidade surda”.

Por outro lado, a narrativa de P2 mostra sua identificação com a mãe surda, com a Associação de Surdos e com os colegas Surdos/as durante o momento em que ele se dedicava a estudar português, Libras e informática na Associação.

- [5] P2 menciona que, durante a sua infância, como ele estudava no colégio pela manhã, e sua mãe (Surda) fazia parte da diretoria da Associação de Surdos de Goiânia, ele ficava boa parte do tempo lá. P2 alega que nesse local ele passava boa parte do tempo conversando com os/as seus/suas colegas Surdos/as, lendo histórias em quadrinhos e mexendo no computador. Segundo ele, graças a esse estilo de vida, teve facilidade em dominar ambas as línguas, o português e a Libras, além disso de ter sido a principal influência na sua paixão por tecnologias.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

Nessa narrativa, podemos identificar a influência da Associação de Surdos na sua profissão como Analista de Sistemas, pois, conforme pode ser visto nos registros, sua paixão pela tecnologia foi desencadeada a partir das experiências vivenciadas nesse local. O relato de P2 confirma, também, que o contato dele com a Libras desde o nascimento pôde ajudar no desenvolvimento da sua própria identidade, mediado pela Libras, o que lhe possibilitou ter facilidade na aprendizagem de português, de Libras e, inclusive, de informática.

Ao nos depararmos com essas narrativas, somos levados a pensar nas reflexões apontadas por Carreira (2020), que explica que é no espaço do existir que as interações acontecem e que as pessoas se constituem histórico-culturalmente. A autora destaca que os sujeitos que interagem nesses contextos trazem para o espaço do dizer

elementos de configuração de sentidos que se constituem a partir de conhecimentos prévios e enciclopédicos particulares captados do espaço do existir (com toda sua abstração) e conhecimentos compartilhados, que também se instituem por meio de uma memória coletiva (Carreira, 2020, p.

174).

Os relatos 4 e 5, faz-se importante mencionar, ilustram que as práticas culturais vivenciadas pelos sujeitos entre os seus grupos são importantes, já que nesses ambientes eles puderam interagir, se comunicar, serem entendidos histórica e culturalmente (Hall, 2016). Assim, nesse espaço de vivência com o discurso do outro, emergem movimentos que constroem preferências, modos de pensar e de agir, enfim, toda uma correia histórica é movida, em função da qual o sujeito se personaliza como alguém que faz parte dessa história.

4.4 Dificuldades enfrentadas pelos(as) participantes no contexto educacional pelo desconhecimento dos(as) professores(as) e dos(as) colegas de turma em relação a aprendizagem de Libras

Os relatos 6 e 7 evidenciam um problema muito comum enfrentado por muitos/as Surdos/as nas escolas, pois nesses espaços há um desconhecimento de uma identidade linguística do/a próprio/a falante Surdo/a que tem a Libras como língua materna.

É possível observar as dificuldades que essas pessoas têm para conviverem nesses contextos, visto que é negado o direito desses indivíduos terem acesso ao conhecimento pela Libras ou com o apoio de, no mínimo, um/a tradutor/a intérprete de Libras:

- [6] P1 relata que sempre estudou em escola pública. Nesse lugar ele explica que não conversava com ninguém, pois, além de não saber Libras, os seus/suas colegas e professores/as não dialogavam com ele. Sua comunicação era sempre pelo método oral, a língua portuguesa. De acordo com o participante, durante as suas interações em sala de aula, os/as seus/suas colegas de turma sempre faziam piadinhas por causa da sua voz.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

As dificuldades acima relatadas reforçam a necessidade de pensar em políticas linguísticas curriculares que deem atenção para que o ensino de Libras possa contemplar não apenas os cursos de graduação em licenciatura e bacharelado, mas também a educação básica, tanto porque é um direito dessa população quanto para evitar episódios de discriminação

Face a essa realidade, levando em consideração a quantidade de Surdos(as) no Brasil e a oportunidade que essas crianças têm de usarem a língua nas escolas, é problemático pensar que essas pessoas estejam incluídas nesses locais sem poderem interagir com seus/suas próprios/as colegas de classe.

As reflexões apresentadas no excerto 6 confirmam o que Silva (2000) explica. Segundo o autor, é um problema pedagógico, curricular e político pensar em uma sociedade atravessada pela diferença onde as crianças, os jovens e os adultos “forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular” (Silva, 2000, p. 81).

As reflexões trazidas na narrativa 6 também podem ser confirmadas no relato de P2, a seguir. O participante mostra que a falta de acessibilidade e de comunicação enfrentada por ele

na educação infantil se perpetuou em outras situações educacionais, como no ensino fundamental e superior, quando ele denuncia a ausência de um/a tradutor/a intérprete de Libras educacional:

- [7] P2 explica que, quando estava na 1^o série, a professora solicitou que os seus pais fizessem exames, pois suspeitava de autismo, visto que ele não gostava de trabalhar em grupo e respondia apenas quando era chamado de frente. Ele explica que, durante esse período sofria muito *bullying* pelos seus colegas de classe, que o chamavam de mudinho, sonso e lesado. O participante relata que, durante o ensino fundamental, ele foi colocado de castigo por aumentar o volume da televisão ao máximo. De acordo com P2, a primeira exclusão institucional aconteceu quando ele trocou de escola e a instituição alegou que não tinha condições de atendimento a uma criança surda. Já na fase adulta, quando estava na faculdade cursando sistema de informação na UFG, P2 explica que ficou sem intérprete durante os anos de 2012 a 2015, pois a instituição alegava que não havia intérprete para área de informática. Segundo o participante, a instituição somente tomou conhecimento sobre sua necessidade depois de ele ter ido ao ministério público.

Fonte: Registro de diário de campo da primeira ação pedagógica realizada no dia 19/11/2020.

A narrativa acima traz apontamentos que deixam claro como a influência do poder ouvintista prejudica e dificulta a construção da identidade surda e alicerça políticas linguísticas que, embora reconheçam a existência da Libras, não efetivam mudanças reais em prol de uma sociedade multilíngue, tal como a realidade se apresenta. É evidente isso quando P2 destaca que “sofria muito *bullying* pelos seus colegas de classe, que o chamavam de mudinho, sonso e lesado”. Esse trecho reforça a presença do poder de uma cultura maior, dominante, que lhes impõe regras e determinam estereótipos ao Surdo como uma resposta para a negação da sua identidade (Perlin, 2000).

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar, a partir de escritos em diário de bordo realizados por meio de uma ação pedagógica de um projeto de extensão de Libras realizado em alguns cursos de graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* samambaia, Goiânia, o processo de constituição identitária em interações realizadas por três participantes Surdos/as em palestras apresentadas na referida ação.

Acreditamos que as reflexões empreendidas encontram eco em outros contextos históricos-culturais vivenciados/as por outros/as Surdos/as durante toda a sua vida. Além disso, entendemos, também, que a análise apresentada contribui para que a comunidade ouvinte e, inclusive, parcela da comunidade surda entenda a real importância da língua de sinais para os/as Surdos/as.

Por meio da análise, pudemos perceber que os/as participantes tiveram, na sua infância,

uma situação desafiadora no que diz respeito a sua própria identificação como sujeito Surdo/a, pois o que ficou evidente nas narrativas apresentadas é o domínio de uma cultura ouvinte que, muitas vezes, em razão do suposto mito da maioria, oprime os direitos dos/as Surdos/as por uma educação de qualidade, o que repercute na ausência da Libras como principal língua de comunicação, em todos os contextos, e de tradutores/as e intérpretes de Libras nas instituições escolares.

Uma situação que ficou evidente nos relatos dos participantes nascidos em um contexto em que o pai e a mãe são ouvintes é a tentativa de cura da surdez, da dita normalização, do uso do aparelho auditivo, da oralização como principal recurso de comunicação e da demora dos/as falantes Surdos/as em terem contato com a Libras.

Ademais, observamos também que a noção de identificação linguística e cultural construída por uma das participantes nas relações com seus pais Surdos foi muito importante para seu desenvolvimento psicossocial e linguístico. Paralelamente, os resultados da pesquisa mostraram que as Associações de Surdos têm sido um local importante para desconstruir a noção de surdez como uma doença; ao contrário, nesses espaços as pessoas partilham objetivos comuns e trabalham no sentido de poderem alcançar os seus objetivos.

Por fim, destacamos que as atividades desenvolvidas no projeto de extensão permitiram que os/as estudantes aprofundassem conhecimentos sobre os quais foram ensinados em sala de aula, como também foi uma ótima oportunidade de eles se sentirem mais participativos durante os encontros pedagógicos.

Na seara dessas vivências, podemos perceber que a constituição identitária de pessoas surdas ocorre no e pelo discurso, na alteridade com os outros discursos, de maneira fragmentária, híbrida, fronteiriça. Para realizar suas performances identitárias, os/as Surdos/as normalmente precisam afirmar-se enquanto seres diferentes do polo ouvinte e, por isso, pessoas que apresentam modos de ser e de agir culturalmente tensivos com outros polos.

Ao interagir conforme esse pressuposto, os/as Surdos/as que se autoafirmam realizam uma agência social em prol de permitir que suas trocas verbais também sejam ponte de acesso aos diferentes âmbitos sociais, num escalonamento que visa à concretização de políticas linguísticas que de fato gerem acesso dessas pessoas nas comunidades.

Nesse sentido, a ação realizada no contexto da UFG parece ser um caminho agentivo em vista de colaborar no compartilhamento de vivências e, conseqüentemente, de discursos no processo de amálgama cultural numa sociedade que, embora na teoria tente se afirmar monolíngue, se apresenta multilíngue.

A partir dos resultados e das conclusões aqui geradas, entendemos que outros estudos são necessários, visando abordar aspectos identitários de nichos específicos da comunidade surda, bem como analisar agências interventivas que trabalhem em prol de políticas linguísticas e identitárias de autoafirmação da cultura surda.

Referências

Altenhofen, C. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicholaides, C.; Silva, K. A. da.; Tílio, R.; Rocha, C. H. (org.). *Política e Políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2013.

Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São

Paulo: Martins Fontes, 1997.

Brasil, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial*, Brasília, DF, 22 dez. 2005.

Carreira, R. É Preciso Falar Sobre o Lugar do Dizer: A Múltipla Perspectiva (Para)Tópica. In: Nascimento, J. V; Cano, M.R e Eliakim, J. *Paratopia - Discurso e Cultura*. vol. 3. São Paulo: Blucher, 2020.

Cerqueira, I. de F.; Teixeira, E. R. O que a história nos conta sobre as Línguas de Sinais. *Muiraquitã: Revista De Letras E Humanidades*, Rio Branco, v. 10, n. 2, p. 268- 286, 2022.

Dicio. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/identidade/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Franco, M. A. S. F. Pedagogia da Pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

Gesser, A. *Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. 2006. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilingue) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

Hall, S. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/APICURU, 2016.

Hall, S. Quem precisa da identidade? In: Woodward, K.; Hall, S; Silva, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Ed. Vozes, 2000.

Jordão, C. M. *A educação literária no lado dos anjos*. 2001. 218 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

Moreira, C. J. M.; Silva, T. V. da. Educação de surdos: reflexões sobre as diferenças culturais e identitárias. *Revista Cocar*, Belém, v. 7, n. 1, p. 50-58, 2013.

Nunes, M. V.; Portela, M. G. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. *Mídia E Cotidiano*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 88-105, 2017.

Perlin, G. T. Identidades surdas. In: Skliar, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

Perlin, G. Identidade surda e currículo. In: Lacerda, C. B.F. de; Góes, M. C. R. de (orgs.) *Surdez – processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Editora Lovise, 2000.

Perlin, G.; Strobel, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial, n. 2, p. 17-31, 2014.

Silva, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: Woodward, K.; Hall, S; Silva, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Ed. Vozes, 2000.

Sousa, L. P. Q. *Reflexões sobre educação crítica de língua inglesa: uma pesquisa colaborativa de formação docente em uma escola de idiomas*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017.

Strobel, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

Woodward, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Woodward, K.; Hall, S; Silva, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Ed. Vozes, 2000.

Tiraboschi, F. F. *(De)colonialidades na educação literária em língua inglesa: construção crítico-colaborativa de sentidos rumo a travessias interculturais*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022.

Wilcox, S.; Wilcox, P. P. *Aprendendo a ver: o ensino de língua de sinais americana como segunda língua*. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite, Petrópolis: Arara Azul, 2005.

Recebido em: 20/07/2024

Aceito em: 03/10/2024